

A SECA DO NORDESTE NA POESIA DA MÚSICA POPULAR (*)

Renato Phaelante

O mestre Aurélio Buarque de Holanda, no seu dicionário, assim define e comenta a palavra “seca”: “Falta de chuvas, estiagem, período em que a ausência ou carência de chuvas acarreta graves problemas sociais e econômicos. Durante a seca de 1877, no Ceará e vizinhanças morreram quinhentas mil pessoas de sede, inanição e epidemias”.

O paraibano, ex-ministro da República, José Américo de Almeida, na década de 50 foi testemunha ocular daquela mazela. Em pleno Congresso Nacional dava seu depoimento: “Numa quinzena de outubro, sobrevoei cerca de cinco mil quilômetros, passando de um avião para o outro, conforme os campos de pouso. E viajei de automóvel, andei a pé, corri tudo. Olhava para baixo e reconhecia angustiado as caatingas desfeitas do Planalto da Borborema; os cenários do Seridó resseco e desolado; o chão do Ceará todo cinza e salpicado da verdura perene que as gotas d’água, acumuladas por seu povo laborioso iam regando; o ar de fogo do Piauí; as solidões de Pernambuco. Tudo perdera o colorido. Não havia mais o que secar!”.

Nos discursos políticos, na literatura, na poesia, na cantiga e no improviso do violeiro, nas obras cinematográficas, a seca marcando presença, no protesto, na denúncia, no lamento. A música uma manifestação cultural, no caráter popular tem sido um dos veículos de maior importância, de mensagem mais autêntica e mais nativa, pela presença de nordestinos e sertanejos, uns convivendo com a seca, outros sensíveis a ela, de cujas inspirações vêm brotando as mais belas criações do nosso cancionário.

(*) *Para a realização da pesquisa da qual resultou este artigo colaboraram Maria Salete Costa da Silva, Carmen Lúcia S. Leão, Neusa Rocha e Joselito Nunes.*

No início da década de 30 um jovem médico mineiro, vivendo nos meios políticos e intelectuais do Rio de Janeiro, foi abordado pelo político paraibano Rui Carneiro para compor uma música a pedido do então escritor José Américo de Almeida que falasse sobre a seca que há pouco havia assolado o interior paraibano. Foi aí que nasceu um clássico da música brasileira "Maringá". Embora sem conotação política de protesto, essa música denunciava romanticamente o êxodo de alguns nordestinos entre eles uma cabôca Maria do Ingá que "acossada pelo flagelo da seca partiu numa leva a caminho de outras paragens, onde o céu fosse mais justo e a terra menos desditosa". E lá deixou um vazio enorme na alma ingênuo e apaixonada de um caboclo.

Foi numa leva
Que a cabôca Maringá
Ficou sendo a retirante
que mais dava o que falá
E junto dela
Veio alguém que suplicou
Pra que nunca se esquecesse
De um caboclo que ficou.

Maringá! Maringá!
Depois que tu partisse
Tudo aqui ficou tão triste
Que eu garrei a maginá

Maringá! Maringá!
Pra haver felicidade
É preciso que a saudade
Vá bater noutro lugar

Maringá! Maringá!
Volta aqui pro meu Sertão
Pra de novo o coração
De um caboclo assossegá

Antigamente
Uma alegria sem igual
Dominava aquela gente
Da cidade de Pombal
Mas, veio a seca
Toda a chuva foi-se embora
Só restando então as água
Dos meus óio quando chora.

Essa música tocou profundamente o coração dos brasileiros, seu sucesso foi tão grande que em 1947 exatamente no dia 10 de maio, foi criado um Distrito e depois Município no Estado do Paraná, que se chama até hoje Maringá.

Ainda na década de 30, a dupla Jararaca e Ratinho nacionalmente conhecida, disparava uns versos bem próprios do caráter apegado do nordestino as suas origens:

Pois eu não troco
Meu Sertão, meu naturá
Nem pru toda as capitá
Mas mió dus mundo intero;
Eu quero sempre
Quebrá meu chapéu na testa
Gritá dentro da floresta:
Sô caboclo brasileiro!

Apesar desse amor do nordestino, o drama era evidente e suas conseqüências cada vez mais profundas na alma daquele povo. Na zona do Cariri onde a seca se instala periodicamente, os poetas populares, os cantadores e violeiros entoam versos, inspirados no passado, nas estórias de trancoso, nas aves e animais agourentos que chamam a seca ou que através de suas arribadas da região, na credence popular insinuam que é chegada a hora do sertanejo partir, o perigo da seca é iminente.

A asa branca é uma dessas aves, uma pomba rolinha, que se reúne em março-abril para desova e é abatida em grandes quantidades, para ser comida com farinha, nos períodos de estiagem.

Ao vôo derradeiro da asa-branca, segue-se o êxodo dos retirantes sem esperança de chuva. Esse quadro melancólico em 1947 sensibilizou dois nordestinos já famosos no movimento musical brasileiro, Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga. O resultado disso foi a música com o nome da própria ave; Asa Branca:

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação?

Que braseiro, que fomalha
Nem um pé de plantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
Bateu asa do Sertão
Entonce eu disse: adeus Rosinha
Guarda contigo, meu coração

Hoje longe muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu Sertão

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro; não chore não, viu. (bis)
Eu voltarei, viu, meu coração.

Essa música é talvez a mais popular de todas relativas ao tema.

Em 1951 outra dupla de compositores inspirada na sabedoria popular compõe Acauã, que fala numa ave originária da região da Argentina, emigrada para o Sertão do Nordeste, sua presença e seu canto agourando chamam a seca. Essa toada de Zé Dantas e Luiz Gonzaga, foi lançada em 1952.

Acauã, Acauã vive cantando
Durante o tempo do verão
No silêncio das tardes agoirando
chamando a seca pro Sertão.

Ai cauã raam, am, am, ai cauã
Teu canto é penoso e faz medo
Te cala acauã
Que é pra chuva voltar cedo

Toda noite no Sertão
Canta o João-Corta-pau
A coruja mãe da lua
A peitica e o bacurau

Na alegria do inverno
Canta sapo, jia e rã
Mas na tristeza da seca
Só se houve acauã

O compositor Luiz Gonzaga no seu Show "A vida do viajante" que deu origem a um LP falava da seca dos anos 50: "Outra

seca da muléstia no Sertão nordestino, três anos de seca. Tem quem aguente? Tem não... Esperança, não há, sertanejo tá de olho seco, de verde só vê mesmo papagaio e pano de bilhar...

Com essa linguagem humorística, Gonzaga consegue denunciar e comover.

Ainda nesse show ele lembra que durante esses anos de seca "O Brasil ficou cheio de arapucas: ajuda teu irmão... quarqué coisa serve: dinheiro... roupa véia, sapato véio, camisa véia, tudo serve. Eu e Zé Dantas gritamos bem alto: Seu doutor os nordestinos...". Ele lembrava que naquele momento surgia o maior protesto musical sobre o flagelo da seca no Brasil.

Essa composição se chamou "Vozes da Seca", toada-baião, lançada no disco em 1953.

Seu dotô os nordestinos
Tem muita gratidão
Pelo auxílio dos sulistas
Nesta seca do Sertão
Mas dotô uma esmola
A um homem qui é são
Ou lhe mata de vergonha
Ou vicia o cidadão.

É por isso que pedimos
Proteção a vosmicê
Home pur nós escuido
Para as rédias do podê
Pois doutô dos vinte Estados
Temos oito sem chuvê
Veja bem, quase a metade
Do Brasil tá sem cumê

Dê serviço a nosso povo
Encha os rios de barragem
Dê cumida a preço bão
Não esqueça a açudagem
Livre assim nós da esmola
Qui no fim dessa estiagem
Lhe pagamo inté os juru
Sem gastar nossa coragem.

Se o doutô fizer assim
Salva o povo do Sertão
Quando um dia a chuva vim
Que riqueza pra nação

Nunca mais nois pensa em seca
Vai dá tudo nesse chão
Cumô vê, nosso destino
Mecê tem na vossa mão.

Foi o grande recado musical bem representativo do espírito nordestino, Gonzaga dizia: Essa é a receita da solução.

Inúmeras são as receitas da solução, mas a tragédia se repete e o sertanejo mais uma vez tem que deixar o seu rincão. Nã poesia do cantor, a tristeza e, às vezes a teimosia em ficar.

Novamente em 1953 a mesma dupla, carrega de descontração o tema, chamando a atenção romanticamente para os benefícios que a chuva traz, tendo como inspiração uma planta característica da região da Caatinga nordestina conhecida como Mandacaru, cuja presença marcante, ganha todo um colorido poético, acre e solitário durante o verão, belo e majestoso depois da chuva, e a moça ou menina sertaneja desabrochando para o amor!

A música se chamou:

O XOTE DAS MENINAS

Mandacaru quando fulora na seca
É sinal que a chuvá chega no Sertão
Toda menina que enjoa da boneca
É sinal que o amô já chegô no coração
Meia comprida
Não qué mais sapato baixo
O vestido bem cintado
Não quer mais vestir timão

Ela só qué
Só pensa em namorá
Ela só qué
Só pensa em namorá

De manhã cedo
Já tá pintada
Só vive suspirando
Sonhando acordada
O pai leva ao dotô
A filha adoentada
Num come, nem estuda
Num dorme e nem qué nada
Ela só qué...

(bis)

Mas o dotô
Nem examina
Chamando o pai de lado
Lhe diz logo em surdina
Que o mal é de idade
Que pra tal menina
Não tem um só remédio
Em toda medicina.

Uma música deixa bem claro o desejo de permanência desse homem no Sertão. Sua fé marcando seu temperamento, sua fibra, seu apego a sua gente e ao seu chão.

O Último pau de arara, uma composição da dupla Venâncio e Corumba lançada em janeiro de 1956.

A vida aqui só é ruim
Quando não chove no chão
Mas se chover dá de tudo
Fartura tem de porção
Tomara que chova logo
Tomara, meu Deus, tomara
Só deixo o meu Cariri
No último pau de arara.

Enquanto a minha vaquinha
Tiver o couro e o osso
E puder com o chucalho
Pendurado no pescoço
Eu vou ficando por aqui
E Deus do céu me ajude
Quem sai da terra natal
Em outros campos não pára
Só deixo o meu Cariri
No último pau de arara.

Voltando alguns anos, exatamente em 1947, Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, inspirados na sina saudosa dos retirantes, abraçam, através de uma música, os que ficaram, os que se mantiveram pela fé e pela coragem, presos a terra. Composição polêmica; para alguns um abraço de prestígio a um dos Estados atingidos pelo flagelo; para outros, uma composição para atender a uma plataforma político-eleitoral, feita por encomenda a pedido de um candidato a Senador por aquele Estado, prestigiando a mulher paraibana. A música se chamou "Paraíba".

Quando a lama virou pedra
E mandacaru, secô
Quando ribaçã de sede
Bateu asa e vuô
Foi ai que eu vim'embora
Carregando a minha dô
Hoje eu mando um abraço
Pra ti, pequenina
Paraíba masculina
Muié macho, sim senhô (bis)

Eita pau-pereira
Que em princesa já roncô
Eita paraíba
Muié macho, sim senhô
Eita pau-pereira
Meu bodoque não quebrô
Hoje eu mando um abraço
Pra ti, pequenina
Paraíba, masculina
Muié macho, sim senhô (bis)

Sobre o tema seca, na sua música Luiz Gonzaga em entrevista a revista *Veja*, disse: "Quando faço um protesto, chamo a atenção das autoridades para os problemas, para o descaso do poder público, mas quando falo do povo nordestino não posso deixar de dizer que ele é alegre, espirituoso, brincalhão".

Foi dessa forma que ele procurou se expressar quando tentou reanimar esse mesmo povo ao fim de uma seca dos anos 40, através da composição "A volta de Asa Branca", feita de parceria com Zé Dantas e lançada em 1950.

Já fais treis noite que pru norte relampêa
A asa-branca ouvindo o ronco do trovão
Já bateu asa e vortô pru meu Sertão
Ai, ai, eu vou m'imbora
Vou cuidá da plantação (bis)

A seca feis eu disertá da minha terra
Mas felizmente Deus agora si alembrô
De mandá chuva pr'esse Sertão sofrédô
Sertão das muié séra
Dos hôme trabalhádô

Rios correndo, as cachuêra tão zuando
Terra moiada, mato verde, qui riqueza
E a asa-branca à tarde canta, qui beleza
Ah, ai, o povo alegre
Mais alegre a natureza (bis)

Sentinho a chuva mi arrescordo de Rosinha
A linda frô do meu Sertão pernambucano
E si a safra num atrapaiá meus prano
Que qui ai, pade vigaro
Vô casá no fim do ano (bis)

A falta de chuva no Sertão provocou o compositor mineiro, Hermê Cordovil. Inspirado numa chuvinha fina e permanente conhecida como garoa, muito comum no Estado de São Paulo e no espírito alegre e extrovertido dos retirantes, que periodicamente "fazem" estrada para o Sul do País, alimentando os caminhos com o som das suas violas e o rojão dos seus improvisadores, ele compôs em 1951, de parceria com Luiz Gonzaga, o "Baião da Garoa".

Na terra seca quando a safra não é boa
Sabiá não entoa
Não dá mio nem feijão
Na Paraíba, Ceará, nas Alagoa
Retirantes que passam
Vão cantando seu rojão
Meu São Pedro me ajude
Mande chuva, chuva boa
Chuvisqueiro, chuvisqueiro
Nem que seja uma garoa
Uma vez chuveu na terra seca
Sabiá então cantô
Houve lá tanta fartura
Qui o retirante vortô
Oi graças a Deus
Choveu, garou...

O cearense Humberto Teixeira foi um dos que mais se debruçou sobre o tema. De parceria com o compositor e sanfoneiro paraibano Sivuca, lançou em 1957, Baião, Fogo-Pagou, que focaliza durante a seca, o comportamento de uma ave-rolinha, muito encontrada nas regiões de cerrados e caatingas. E também muito comuns nas estradas e fazendas do interior, é

chamada, ainda, de pomba-cascavel, rola-cascavel, rolinha carijó, etc.

Fogo-pagou cantou, cantou, cantou
Olhou pro céu encarnado e se assustou
Fogo-pagou cantou, cantou, cantou
Compadecida bateu asas e voou
Água do rio secou, secou
Capeta então reinou
Matando e destruindo o que encontrou
Água do rio secou, secou
Credo! Nosso Senhor
Até o próprio sol se incendiou
Ai, ai meu Ceará
Tal qual fogo-pagou
Ai, vem pra não morrer
Mas vivo é que eu não estou
Fogo-pagou cantou, cantou, cantou
E voltou.

O pernambucano de Macaparana, Rosil Cavalcanti, compositor permanente na música nordestina, na década de 50, pin- celou com bastante maturidade e conhecimento de causa a sua "Aquarela Nordestina", baião lançado em fins de 1958.

No Nordeste imenso
Quando o sol calcina a terra
Não se vê uma folha verde
Na baixa ou na serra

Juriti não suspira
Inhambu seu canto encerra
Não se vê uma folha verde
Na baixa ou na serra

Acauã bem no alto
Do pau-ferro canta forte
Como que reclamando
Nossa falta de sorte

Asa-branca sedenta
Vai chegando na bebida
Não tem água a lagoa
Já está ressequida

E o sol vai queimando
Brejo, Sertão, Cariri e Agreste
Ai, ai, meu Deus
Tenha pena do Nordeste.

Sobre a seca na região do Cariri, uma das mais castigadas, ainda é o poeta Rosil Cavalcanti de parceria com a intérprete e compositora Dilu Melo, quem nos dá uma visão bastante clara daquela realidade e ao mesmo tempo uma dose de esperança para aquele povo sofrido, através do baião "Meu Cariri", lançado em 1953 e de absoluto sucesso.

No meu Cariri
Quando a chuva não vem
Não fica lá ninguém
Somente Deus ajuda
Se não vier do céu
Chuva que nos acuda
Macambira morre
Xiquexique seca (bis)
A juriti se muda

Se meu Deus der um jeito
De chover todo ano
Se acaba o desengano
O meu viver lá é certo
No meu Cariri
Pode se ver de perto
Quanta boniteza
Pois a natureza (bis)
É um paraíso aberto

O nordestino bate em retirada vencido pela má sorte, pela desesperança, pelo agouro permanente da trágica situação provocada pela longa estiagem.

Para trás ficam quase todos os seus pertences materiais, sua vaca "branquinha", seu cachorro "piaba", sua terra seca, sua morada.

No "sul maravilha", seu ponto de parada, seu encontro com o vazio, com um povo estranho e frio, com a "selva de pedra". Mas a fé, a esperança, a vontade de um dia voltar provoca seu ânimo e alimenta sua permanência.

Em 1952, o maestro Guio de Moraes, de parceria com Luiz Gonzaga fala através da música, por esse homem que ficou conhecido como *Pau-de-Arara*.

Quando eu vim do Sertão seu moço
Do meu bodocó
A maleta era um saco
E o cadéado era um nó
Só trazia a coragem e a cara
Viajando num pau de arara
Eu penei, mas, aqui cheguei (bis)
Trouxe um triângulo, no matulão
Trouxe um gonguê, no matulão
Trouxe um zabumba, dentro do matulão
Xote, maracatu e baião
Tudo isso eu trouxe no meu matulão.

Ainda, na década de 50, Zé Dantas e Luiz Gonzaga voltam a cena e lançam em disco a pedido do então Ministro do Governo, Apolônio Sales, um baião que se tornou um hino de fé e de esperança nos destinos do Nordeste e de sua gente. Essa música se chamou "Paulo Afonso" e comemorava ao mesmo tempo a inauguração daquela Usina que viria redimir a região.

Delmiro deu a idéia
Apolônio aproveitô
Getúlio fez o decreto
E Dutra realizô
O presidente Café
A usina inaugurô
E graças a esse feito
De homens que tem valô
Meu Paulo Afonso foi sonho
Que já se concretizô
Olhando pra Paulo Afonso
Eu louvo o nosso engenheiro
Louvo o nosso cassaco
Cabôco bom verdadeiro
Oi! vejo o Nordeste
Erguendo a bandeira
De ordem e progresso
A nação brasileira
Vejo a indústria gerando riqueza
Findando a seca salvando a pobreza

Ouço a usina feliz mensageiro
Dizendo na força da cachoeira
O Brasil vai, o Brasil vai
O Brasil vai, o Brasil vai
Vai, vai, vai.

O tema seca foi muito fértil para a MPB no final da década de 40 e durante os anos cinquenta. No entanto, poucas vezes se fizeram ouvir além desses já citados e mais principalmente, o "Rei do Baião", Luiz Gonzaga e seus parceiros famosos: Zé Dantas e Humberto Teixeira.

Nos anos sessenta com o advento dos festivais de MPB o tema volta a ser focalizado pela classe universitária, que consegue imprimir uma poética, mais elitizada e intelectualizada, atingindo assim, outros níveis sociais além da nova geração.

Um compositor paraibano, que se tornaria um mito na MPB "moderna", ao dar seus primeiros passos, ainda desconhecido do grande público, encontra no tema um dos caminhos para a popularidade. O jovem se chamava Geraldo Vandré, a música *Canção Nordestina*, lançada em 1963.

Que sol quente, que tristeza
Que foi feito da beleza
Tão bonita de se olhar
Que é de Deus e da natureza
Se esqueceram com certeza
Da gente desse lugar
Olha o padre com a vela na mão
Tá chamando pra rezar
Menino de pé no chão
Já não sabe nem chorar
Reza uma reza cumprida
Pra ver se o céu saberá
Mas a chuva não vem não
E essa dor no coração
Ai, quando é que vai se acabar?

O poeta popular cearense Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré) possui os versos mais significativos sobre a seca já produzidos até hoje.

Com sua linguagem acre e contundente, fala na sua poesia "Triste Partida" da vida do nordestino, sua luta, seus anseios,

descreve os problemas, dissabores e injustiças que enfrenta o migrante. Luiz Gonzaga musicou esses versos em ritmo de toada e lançou em disco para a MPB em 1965.

Setembro passou
Com outubro e novembro
Já tamo em dezembro
Meu Deus, que é de nós?
Assim fala o pobre do seco Nordeste
Com medo da peste da fome feroz

A treze do mês ele fez experiência
Perdeu sua crença
Nas pedras de sá
Mas nôta esperança
Com gosto se agarra
Pensando na barra do alegre natá

Rompeuse o natá
Porém barra não veio
O sol bem vermeio
Nasceu muito além
Na copa da mata, buzina a cigarra
Ninguém vê a barra
Pois barra não tem

Sem chuva na terra
Descamba janeiro
Depois fevereiro é o mesmo verão
Entonce o nortista, pensando consigo
Diz: isso é castigo
Não chove mais não

Apela pra março, que é o mês preferido
Do Santo querido, sinhô São José
Mas nada de chuva, tá tudo sem jeito
Lhe foge do peito o resto da fé

Agora pensando, ele segue outra tria
Chamando a farnia, começa a dizer
Eu vendo meu burro meu jegue e o cavalo
Nóis vamo a São Paulo viver ou morrê

Nóis vamo a São Paulo que a coisa tá feia
Por terras alheia nós vamo vagá
Se o nosso destino não for tão mesquinho
Pro mesmo cantinho nós torna a vortá

E vende o seu burro jumento e o cavalo
Inté mesmo o galo vendero também
Pois logo aparece feliz fazendero
Por pouco dinheiro lhe compra o que tem

Em um caminhão ele joga a família
Chegou o triste dia já vai viajá
A seca terrive que tudo devora
Lhe bota pra fora da terra natá

O carro já corre no topo da serra
Oíando pra terra seu berço, seu lá
Aquele nortista partido de pena
De longe ainda acena, adeus meu lugá

No dia seguinte, já tudo enfadado
E o carro embalado, veloz a corrê
Tão triste coitado, falando saudoso
O seu filho choroso escrama a dizê:

De pena e sodade papai sei que morro
Meu pobre cachorro quem dá de comê?
Já outro pergunta mãezinha e o meu gato?
Com fome, sem trato, Mimi vai morrê

E a linda pequena tremendo de medo
Mamãe meus brinquedos, meu pé de fulô
Meu pé de roseira, coitado, ele seca
E minha boneca, também lá ficou

E assim vão deixando com choro e gemido
Do berço querido, o céu lindo e azul
O pai pesaroso, nos filhos pensando
E o carro rodando na estrada do su

Chegaro em São Paulo, sem cobre, quebrado
E o pobre acanhado, percura um patrão
Só vê cara estranha, ele estranha a gente
Tudo é diferente do caro torrão

Trabaia dois ano, três ano e mais ano
E sempre nos pranos de um dia inda voltá
Mas nunca ele pode, só vive devendo
E assim vai sofrendo, a sofrer sem parar

Se alguma notícia das banda do norte
Tem ele por sorte o gosto de ouvir
Lhe bate no peito sordade de móio
E as água dos óio começa a cair

Do mundo afastado ele vive preso
Sofrendo desprezo devendo ao patrão
O tempo rolando, vai dia vem dia
E aquela famia não vorta mais não

Distante da terra tão seca mais boa
Exposto a garoa a lama e ao paú
Faz pena o nortista, tão forte tão bravo
Vivê como escravo no Norte e no Su.

Waldeck Arthur de Macêdo, o popular poeta e compositor baiano "Gurdurinha", criador de verdadeiros clássicos da música nordestina, se aprofundou bastante na temática seca, e duas de suas criações marcam definitivamente sua presença.

A primeira composição *Pedido a Padre Cícero*, uma toada-baião, lançada no início da década de 60, é o testemunho angustiado de um romeiro que aos pés do "mito" religioso Padre Cícero do Juazeiro, desabafa:

Ô... secou
Tá torrando de novo
O meu Ceará
Ô... meu Senhô
Tenha pena do povo
Do lado de lá
O mato era verde
Tá seco danado
Tá esturricado

E nada mais deu
Até a esperança
Que dizem que é verde
Nem isso escapou
Também, já morreu
Ô... secou (bis)

Meu padrinho Cico
Do Juazeiro do Norte
Sertanejo é cabra forte
Mas, não vai guentá
Só existe água
No óio do povo
Chorando de novo
No meu Ceará
Ô... secou...

A segunda é um pedido de perdão, provocado por instável situação: o puro, religioso e bom sertanejo que pedira chuva com tanta fé, chora agora a desdita de uma cheia, sem precedentes naquela região.

Essa música inspirada em acontecimento marcante e verdadeiro, que foi o rompimento do açude da cidade cearense de Oroz, provocando a maior catástrofe nordestina na região das secas, foi lançada em 1967, se chamou "Súplica Cearense" e foi feita em parceria com o compositor "Nelinho".

Oh! Deus
Perdoa esse pobre coitado
Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo pra chuva cair sem cessá

Meu Deus!
Será que o Senhor se zangou?
E só por isso o sol se arretirou
Fazendo cair toda chuva que há

Senhor!
Eu pedi para o sol se esconder um tiquinho
Pedi pra chover, mas chover de mansinho
Pra ver se nascia uma planta no chão

Senhor!
Se eu não rezei direito, o Senhor me perdoa

Eu acho que a culpa foi
Desse pobre que nem sabe fazer oração

Desculpe!
Eu pedi com os óio cheio de água
Desculpe eu pedir, cheinho de mágua
Pro sol inclemente se arretirá

Desculpe!

Eu pedir a toda hora pra chegar o inverno
Desculpe eu pedir para acabar com o inferno
Que sempre queimou o meu Ceará.

A primeira metade da década de 80 foi das mais violentas e trágicas para a economia nordestina e para o sertanejo, em particular, a seca foi impiedosa, a migração foi permanente, a pobreza cada vez mais iminente. O país profundamente chocado, novamente as providências oficiais estão distantes da real necessidade do sertanejo. Depois de cinco anos de seca a enchente, o excesso de chuvas.

Nesse momento cerca de 150 poetas, compositores e artistas de prestígio nacional, lançam através do Sindicato dos Músicos Profissionais do Rio de Janeiro, associados a Campanha "Nordeste Já" um disco compacto, cuja renda deveria ser revertida em favor dos flagelados. No disco duas composições, de um lado a criação coletiva "Chega de Mágoa", do outro "Seca d'Água", criação musical coletiva sobre poema do poeta popular Patativa do Assaré.

CHEGA DE MÁGOA

Nós não vamos nos dispersar
Juntos, é tão bom saber
E passado o tormento
Será nosso esse chão

Água dona da vida
Ouve essa prece tão comovida
Chega, brinca na fonte
Desce do monte
Vem como amiga

Quero d'água de beber
Um copo d'água
A água não sai da maré
Mulher amada
Quero orvalho toda manhã

Terra, olha essa terra
Raça valente, gente sofrida
Chama, tem que ter feira
Tem que ter festa
Vamos pra vida

Quero terra pra plantar
Te quero verde
Te quero casa pra morar
Te quero rede

Depois da chuva,
O sol da manhã
Chega de Mágoa
Chega de tanto penar.

Canto e o nosso canto
Chora no tempo, uma semente
Gente,
Olha essa gente, olha essa gente,
Olha essa gente.

Quero água de beber
Um copo d'água
A água não sai da maré
Mulher amada

(Bis)

Te quero terra pra plantas
Te quero verde
Te quero casa pra morar
Te quero rede
Depois da chuva o sol da manhã

Canto, e o nosso canto
Joga no tempo, uma semente
Gente, olha essa gente, olha essa gente
Olha essa gente

Depois da chuva
O sol da manhã
Chega de mágoa
Chega de tanto esperar.

SECA D'ÁGUA

É triste para o Nordeste
O que a natureza fez
Mandou cinco anos de seca
E uma chuva em cada mês
Agora em 85

Mandou tudo de uma vez
A sorte do nordestino
É mesmo de fazer dó
Seca sem chuva é ruim
Mas seca d'água é pior
Quando chove brandamente
Depressa nasce um capim
Dá milho, arroz e feijão
Mandioca e amendoim
Mas como em 85
Até o sapo achou ruim
Maranhão e Piauí
Estão sofrendo por lá
Mas o maior sofrimento
É nestas bandas de cá
Pernambuco, Rio Grande,
Paraíba e Ceará
A sorte do nordestino
É mesmo de fazer dó
Seca sem chuva é ruim
Mas seca d'água é pior
O Jaguaribe inundou
A cidade de Iguatu
E Sobral foi alagado
Pelo rio Acaraú
O mesmo estrago fizeram
Saudade e Panabuí
Ceará martirizado
Eu tenho pena de ti
Vivo em Caiçaba
E Xeré e Aracati
Mas que não vê o lamento
Dos flagelos dali
Seus doutores governantes
Da nossa grande nação
Os flagelos das enchentes
É de cortar coração
Muitas famílias vivendo
Sem lar, sem roupa e sem chão
A sorte do Nordeste
É mesmo de fazer dó
Seca sem chuva é ruim
Mas seca d'água é pior

Renato Phaelante

Uma farta discografia, na história da MPB é dedicada ao tema seca, tentamos resumir nesta pesquisa as mais significativas, aquelas que mais sensibilizaram o povo brasileiro, pelos seus mais diversos aspectos, incluindo principalmente os poéticos.

Segue, discografia pesquisada, que poderá ser encontrada na Fonoteca, da Fundação Joaquim Nabuco, Recife, PE.

Renato Phaelante
Em abril de 1991.
Apipucos, Recife-PE

TITULO	INTERPRETE	AUTOR(es)	MATRIZ	FABRICA	RITMO	DATA/ LANÇAMENTO
Canção Nordestina	Geraldo Vandré	Geraldo Vandré	148	Audio-Fidelity	Canção	11.63
Triste Partida	Luiz Gonzaga	Patativa do Assaré/Luiz Gonzaga	BBL-1320	RCA-Victor	Toada	07.65
Pedido a Padre Cicero	Ari Lobo	Gurdurinha	13K2PB0606	RCA-Victor	Coco	06.59
Súplica Cearense	Gurdurinha	Gurdurinha/ Nelinho	C-4269	Continental	Baião-Toada	05.60
Chega de Mágua	Vários intérpretes	Criação coletiva	Disco compacto	Continental	Canção	07.85
Seca D'Água	Vários intérpretes	Patativa do Assaré	Disco compacto	Continental	Canção	07.85
Sabiá na Seca	Bia Marinho	Zé Marcolino	Polydisc	Polydisc	Baião	1989
Vozes da Seca	Luiz Gonzaga	Zé Dantas/ Luiz Gonzaga	801193-B	RCA-LEME	Toada-Baião	1953
Chegada de Inverno	Quinteto Violado	Zé Dantas/ Fernando Fillzola	6349143	PHILIPS	Toada	1975
Ouricuri/ Segredos do Sertanejo		João do Vale/ José Cândido				1965
Carcará	Maria Bethânia	João do Vale/ José Cândido	Compacto LCD-1119	RCA-Victor	Batuque	1964

TÍTULO	INTERPRETE	AUTOR(es)	MAEIRA	FABRICA	RITMO	GRAVACAO/ DATA
Promessa	Orlando Silva	Evaldo Rui/ Custódio Mesquita	5215-B	Copacabana	Samba	06.08.43
Pingo D'Água	Raul Torres/ João Pacifico	Raul Torres/ João Pacifico	80 0203-B	RCA-Victor	Toada	12.06.44
Castigo da Seca	Venâncio/ Corumba	Venâncio/ Corumba	10.115-A	RGE	Baião	09.58
Desespero de Layrador	Dupla Zoológica Ulisses Silva	J. Dinis/ Ulisses Silva	5.273-A	Toda América	Rasqueado	29.07.52
Pássaro Carão	Luiz Gonzaga	José Marculino/ Luiz Gonzaga	80 2448-B	RCA-Victor	Baião	14.03.62
Maribá	Carlos Galhardo	Olegário Mariano/ Joubel de Carvalho	34484-B	RCA-Victor	Toada	29.06.39
Terra Seca	Orlando Silva	Ary Barroso/ Sívio Caldas	5169-A	Copacabana	Samba Canção	10.53
Paraíba	Luiz Gonzaga	Luiz Gonzaga/ H. Teixeira	80 0510-A	RCA-Victor	Baião	06.03.52
Acaúá	Luiz Gonzaga	Zé Dantas	80 0961-A	RCA-Victor	Toada	21.05.52
Ádeu Maria Fulô Branca	Carmélia Alves	H. Teixeira/ Sivuca	16.436-A	Continental	Baião	07.51
Depois da Branca	Marinês	Antônio Barros	80 2248-B	RCA-Victor	Marcha	06.07.70

TITULO	INTERPRETE	AUTOR(es)	MATRIZ	FABRICA	RITMO	GRAVAÇÃO/ DATA
Corta o Coração	Aristeu Queiroz	Aristeu Queiroz	00.00.218-A	Sinter	Baião	04.53
Perigo de Morte	Orlando Dias	Wilson de Moraís/ Gurdurinha	15.047-A	Mocambo	Baião	03.59
Último Pau-de-Arara	Venâncio/ Corumba	Venâncio/ Corumba	10.971	Odeon	Baião	01.56
A Volta de Assa Branca	Luiz Gonzaga	Luiz Gonzaga/ Zé Dantas	5.092734	RCA-Victor	Toada	10.11.49
Assa Branca	Luiz Gonzaga	Luiz Gonzaga/ H. Telqueira	5.078725	RCA-Victor	Baião	05.47
Baião da Garoa	Guio de Moraís/ Parentes	Luiz Gonzaga/ Hervé Cordovyl	9793	Odeon	Baião	1953
Fogo Pagou		Sivuca/ H. Telqueira			Baião	1957
Aquarela Nordestina	Marinês	Rosil Cavalcanti	5.1312	Sinter	Baião	1958
Paulo Afonso	Luiz Gonzaga	Luiz Gonzaga/ Zé Dantas/ Dilu Melo	BE5VB 0703	RCA-Victor	Baião	1955
Meu Cariri	Rosil Cavalcanti	Rosil Cavalcanti	10468	Odeon	Baião	05.55
Pau de Arara	Luiz Gonzaga	Guio de Moraís/ Luiz Gonzaga	5093374	RCA-Victor	Maracatu	07.52

FONTES CONSULTADAS

- 1 — BARRETO, Maria Regina O. C.; LIMA, Urbano J. C. *MPB Sempre, Coletânea Musical*. Recife: Geonard, 1987-1988. 2v.
- 2 — FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1.ª ed. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. 1.499 p.
- 3 — FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. *Baião de Dois: a música de Zédantas e Luiz Gonzaga no seu contexto de produção e sua atualização na década de 70*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1988. 281 p.
- 4 — FUNDAÇÃO Joaquim Nabuco. Indoc/Cehibra/Fonoteca. Acervo Fonoteca.
- 5 — NOVA História da Música Popular Brasileira. São Paulo: Abril Cultural.
- 6 — SANTOS, Alcino et al. *Discografia Brasileira 78 rpm: 1902-1964*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982. 5 v.

